

O Canto arquitetural de Niemeyer

Il faut chanter le point d'appui.

Costumo lembrar esta frase de Augusto Perret sempre que falo de arquitetura; no momento presente; entretanto, depois da grande obra arquitetônica do arquiteto Oscar Niemeyer em Brasília, verifico que nela não se trata mais de um simples canto e de simples pontos; o que se ouve através dos edifícios da Capital do País são as vozes de um coral de vários pontos que definem os “valores de contorno” sobre o chão conquistado, mas também dos que ligam os diferentes elementos do projeto: contatos aéreos, articulações, correspondências, transições...

No centro desse canto, talvez, se possa perceber algumas notas moduladas pelos operários e candangos, que foram os principais colaboradores do arquiteto, e que desse coral participam.

No momento atual o canto já se tornou mais largo, já se estendeu nas vozes dos homens de outros países e cidades: no Líbano, em Israel, em Portugal, em Berlim, na França, etc., a arquitetura de Niemeyer já se transformou num cântico geral, que o próprio Valéry, escassamente pressentiu, no seu limitado e helênico *Cantique des Colones*; pois a arte do grande arquiteto brasileiro atualmente ressoa como um “Cântico das Superfícies”; o morfismo da sua obra se desprende dos simples muros em retângulos, para, plasticamente, ondular em membranas de cúpulas delgadas, em invólucros de volumes mais abertos, no movimento auto-sensível de geratrizes livres e retilíneas. Agora, então, acompanhando os pontos de apoio, se ouve o grande cântico das superfícies; e nele se distingue, alta, clara, e, sobretudo, a voz das superfícies de Liouville, na beleza do tom fundamental da sua métrica intrínseca:

$$ds^2 = [r^2(u) + t(v)](du^2 + dv^2)$$

Os grandes trabalhos arquitetônicos de Brasília, que colocariam, por si sós, Niemeyer na vanguarda dos mais importantes artistas de todos os tempos, e que, entretanto, são apenas uma parte da sua imensa obra, só comparável, em volume, à do pintor Pablo Picasso, foram recente e incompreensivelmente mutilados, pela não execução do seu projeto para o aeroporto da referida cidade. As razões que levaram a esse ato não as conheço bem, e não posso aqui apreciá-las; aproveito apenas a oportunidade para estranhar que, procurando-se explicar a não-extensibilidade do projeto, implicitamente se negasse à “coroa circular”, a propriedade de ser uma “região fundamental” de um “grupo de extensão”.

Mas as razões alegadas são, certamente, justas e necessárias, e vós que ides ler este livro onde há muito ressentimento, muita emoção e amizade, podereis, mais cedo ou mais tarde, *compreendê-las*, ou, pelo menos, *senti-las*.